

Encontro 5

Vetiver e Canela Cássia



No escuro algo brilha

Atravessamos uma longa caminhada até chegar a este encontro: aqui pisamos em terra de mistérios profundos, telúricos e viscerais, a sala dourada da serpente rainha.

Do escuro avistamos seu cintilar, os tesouros guardados pela terra preta. Neste espaço sagrado, lançamos as nossas perguntas, a ver o que revela em fogo dessa sabedoria.

No corpo, entramos em contato com o ovo visceral que reside entre diafragma e púbis, nosso primeiro centro de metabolização, onde se processa e cria a matéria.

O tesouro é a história

Em tempos outonais, no voltar-se a si mesma, o centro de nutrição vai, lento, migrando para os espaços internos. Faz parte do pulso da natureza, sístole e diástole, inverno e verão, dia e noite, dormir e acordar – a natureza pendular da psique. Somos aqui convocadas a reconhecer e considerar a colheita – a cada passo dado, a cada história vivida, o alimento que nos faz quem somos. Honrar e validar a nossa história, em sua singularidade, em sua banalidade, em seu exato tamanho. Honrar a matéria da experiência, criada no tempo cíclico dos dias, na sua mais pura humanidade.

Telúrico e visceral, o corpo lembra

Habitar o centro do corpo é habitar também um espaço de memória e vitalidade pulsante e antigo. Quando pensamos a partir dos segmentos corporais de Reich, entre diafragma e pelve habitam as emoções mais profundas, aquelas cujo pulso, no geral, não cabe dentro da experiência social comum. São os desejos e necessidades mais

intensos, de onde emana nosso vínculo com a terra, com a vida e a vontade, com o querer em todos os aspectos e com a saciedade. É aqui a terra da plenitude, plenitude esta que nos pede relaxar.

Lembremos o pulso.

Às vezes é preciso decantar para as próprias profundezas para, ali, sem força e esforço, encontrar o ouro.

Uma vida em batalha ativa estreita os caminhos. O corpo contrai seus acessos e vive a falta, a ânsia perpetua o movimento.

Viagem

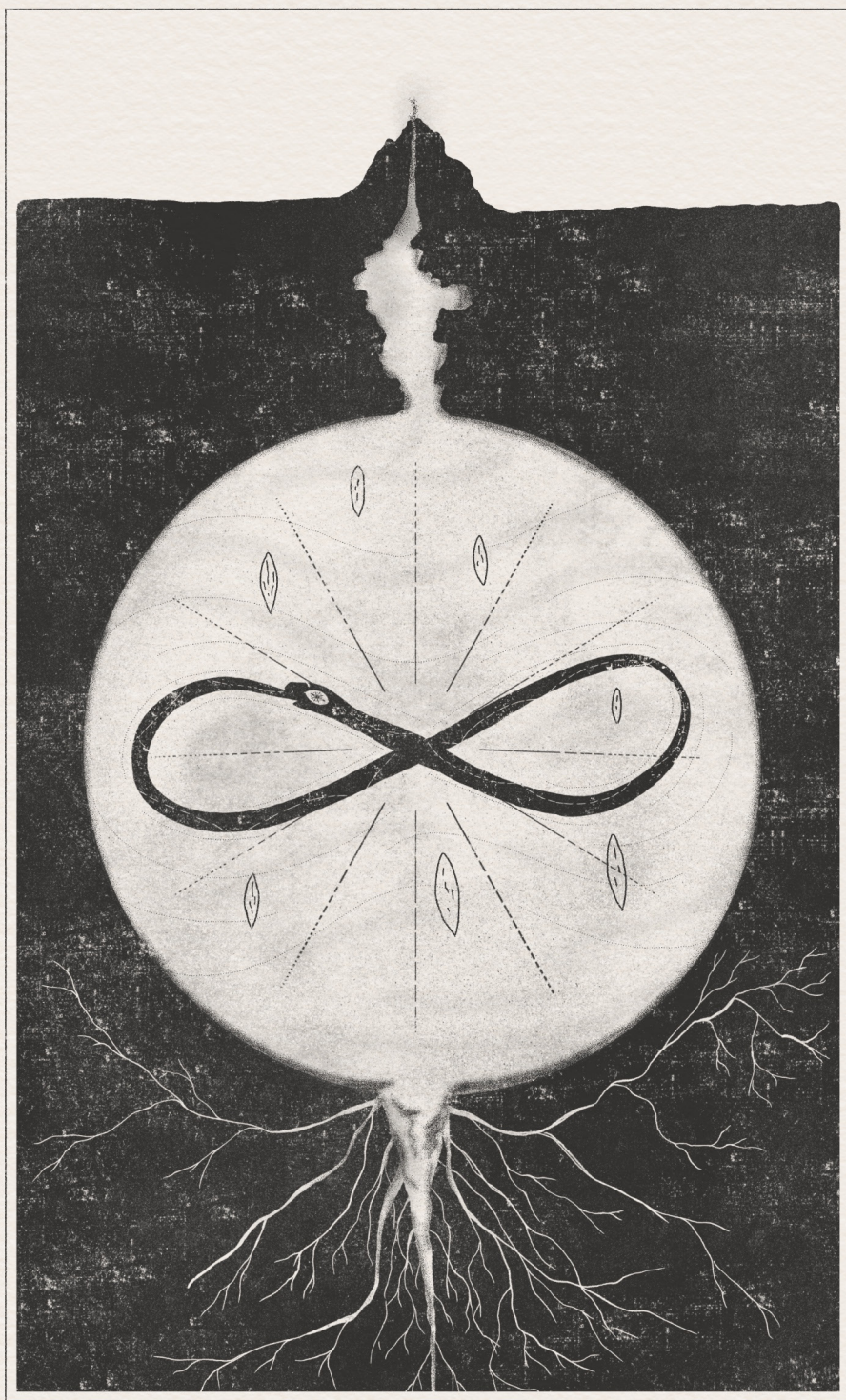
Preparei-te na pedra da casa
asas do pássaro Kalulu
com pedaços de árvores destroçadas pelos raios
e resina quente.
Chamei a metade gêmea do espírito
para te passar remédios
da cabeça aos pés.

No fundo de meu corpo perfeito
escondi
pedaços de argila e feitiços fortes.

Em cada um das doze cabaças da origem
deitei o vinho dos votos
um pano novo da costa
três missangas azuis
e cera da colmeia menor.

Todos os dias conservar aceso o fogo sagrado
Na hora dos fantasmas
o vento diz-me a tua voz
é a voz das viagens
sem regresso.

– Paula Tavares



Cosmos • Útero • Voz • Vulcão

Canela

Canela é um óleo quente, sua analgesia deriva de sua capacidade de transformar a dor em calor. O sobressalto da história, de repente, tornado nutrição.

Há uma profundidade excepcional em seu aroma, que parece nos vestir de um poder imanado e aconchegante, um casulo quente e convidativo, um útero. A fartura possível quando nos abrimos ao visceral, quando relaxamos para dentro da nossa história como quem pisa numa banheira quente. Não é tarefa fácil, mas os frutos são muitos.

Permitir-se o alimento do fogo interno e sagrado.

Origem

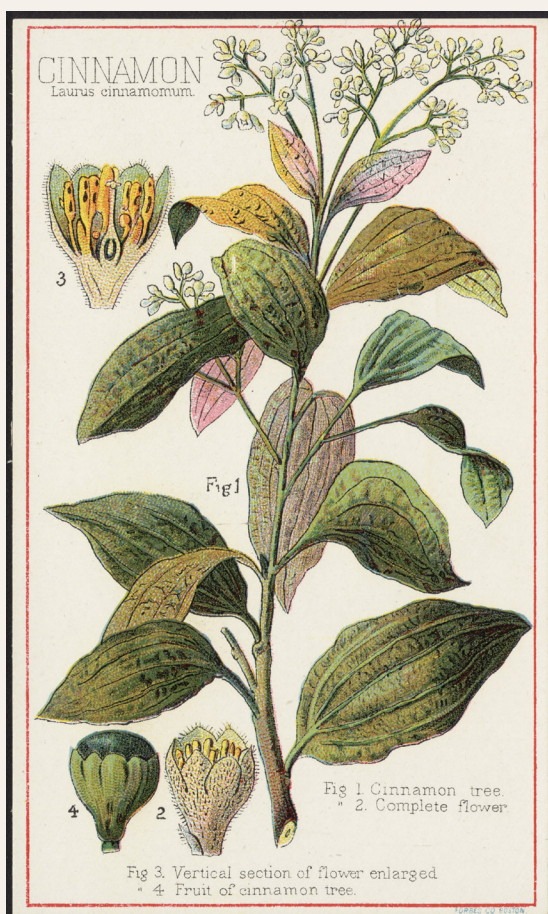
Nem flor nem folha mas
raiz
absoluta. Amarga.

Nem ramos nem botões. Raiz
íntegra. Sórdida.

Nem tronco ou
caule. Nem sequer planta

– só a raiz
é o fruto.

– Orides Fontela



Vetiver

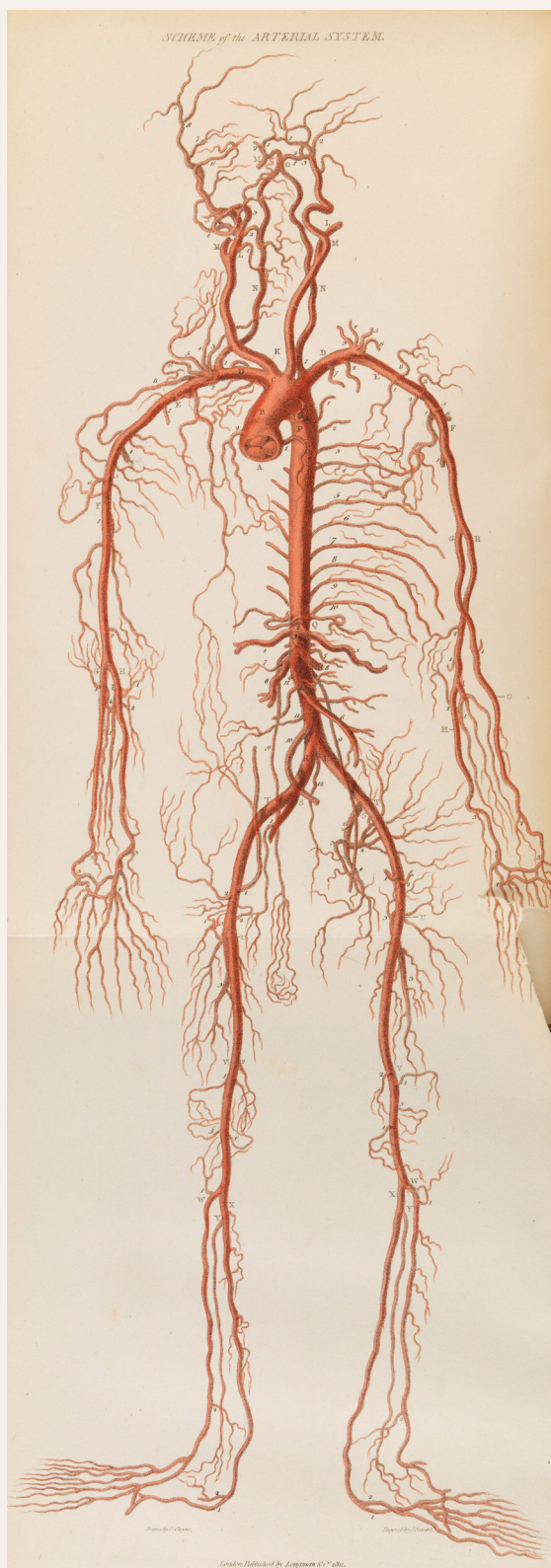
Vetiver cresce raiz até o centro da vida no mundo, expande para além do tempo para nos conectar à sabedoria universal construída pelo feminino. Baba Yaga, é um óleo que nos conecta com verdades antigas e nutritoras, nos convocando a habitar a realidade da matéria a partir de seus termos.

Com ele, entramos na floresta antiga e ancestral para recarregar, reconectar e nos reconstruir – tarefas que executamos com as próprias mãos. A antiga sabedoria que nos amadurece, vetiver nos ensina seus segredos.

Com essa dupla de óleos, habitamos o nosso centro visceral amparadas e instigadas pela força mais profunda do feminino, o primevo mar da criação. Fazemos a matéria própria da nossa existência, nosso caminho e passo, nosso próprio pão.

Uma sugestão de leitura é o capítulo sobre Vasalisa, no Mulheres que correm com lobos, de Clarissa Pinkola Estés.





A convocação

A criação matérica é ainda um chamado à expressão, à manifestação em vida, no palco do mundo, como ato concreto, daquilo que lento descobrimos ou desvelamos. Pede-nos a tradução da experiência profunda para a linguagem dos atos mais prosaicos e nossa ética do estar-no-mundo.

Um caminho para isso é a escrita: a elaboração da nossa narrativa, a escolha das nossas palavras, as que nos constroem, as que nos colocam em contato com o outro, as que nos contam aquilo que queremos e que não queremos saber.

Fazer dessa matéria a nossa matéria, o nosso poema, é encontrar, reconhecer e honrar aquilo que há de precioso.

